

O bairro do Cosme Velho e o Colégio Sion¹

The borough of Cosme Velho and the Colégio Sion school

Angela Xavier de Brito
Centre de Recherches sur les Liens Sociaux
Université René Descartes-CNRS
Paris, France

RESUMO:

Entre os colégios que a congregação Notre Dame de Sion estabeleceu no Brasil, o semi-internato do Rio de Janeiro, fundado em 1908 e que existe até hoje, apresenta uma trajetória que parece acompanhar a do Cosme Velho, bairro onde se instalou a partir de 1925. Esse colégio manteve uma reputação ilibada de meados dos anos 1920 até os anos 1970, quando tanto o bairro quanto o colégio experimentam um declínio em seu prestígio: as famílias tradicionais abandonam suas mansões ao mesmo tempo que as ex-alunas de Sion deixam de matricular suas filhas no colégio que a família tradicionalmente frequentara há duas ou três gerações. Este se viu assim reduzido a buscar seus alunos entre os jovens de um bairro que envelheceu e empobreceu. Esse artigo busca explicar as razões que levaram ao declínio o bairro e o colégio.

Palavras-chave: educação; elites femininas; Cosme Velho; colégio Sion

SUMMARY:

Among the schools that the congregation of Notre Dame de Sion established throughout Brazil, this day school founded in Rio de Janeiro in 1908 and that exists to the present day, seems to have a trajectory parallel to the borough of Cosme Velho, where it would be relocated in 1925. The school maintained an impeccable reputation from the mid-1920s up until the 1970s, when both the borough and the school experienced a decline in status: traditional families moved out of their large town houses and former Sion students ceased to enroll their daughters in the school that their families had attended for many generations. The school was thus forced to seek new students in a borough that had deteriorated both in prestige and financially. This article seeks to explain the reasons that caused the concomitant decline of the borough and school.

Key words: education; female elites; Sion College

“Finalmente, já na rua Cosme Velho, depois de uma curva suave, aparecia o meu querido colégio *Sion*”, diz Lilá Sant’Anna (1985), aluna desse colégio nos anos 1940, em suas memórias. Esse imponente edifício de cor amarelo-ocre acolhia todos os dias, desde 1925, as meninas pertencentes às elites do Rio de Janeiro, das 8h30 às 16h30, em regime de semi-internato. Era bem traumatizante para uma menina de 6/7 anos ingressar pela primeira vez nesse prédio de dimensões monumentais. Algumas alunas já saíam de casa “ansiosas” (Glória Maria, 1950-61)², “apavoradas [...] achando que lá só se falava francês” (Maria Cecília, 1947-59), “com um sentimento de desamparo muito grande” (Stella F., 1949-61).

Elas eram conduzidas nos automóveis familiares ou chegavam a pé, acompanhadas de suas babás, no primário; quando mais velhas, vinham sós ou em bando. A revoada das que moravam perto do colégio se repetia a cada manhã, de segunda a sexta-feira. As insígnias davam um toque colorido ao austero uniforme de casimira azul-marinho. Cada classe ostentava uma cor diferente, cujos nomes eram ditos em francês: *rouge, grenat, orange, verte, bleu-foncé, bleu-clair, violet*³. Ao esperar a abertura das pesadas portas de ferro forjado com o monograma NDS, “intimidada, eu apertava com força a mão de meu pai”, confessou Angelina (1950-61).

Aquelas que vinham nos ônibus do colégio eram menos expostas aos olhares públicos porque estes subiam a rampa lateral e iam deixá-las diretamente no Pavilhão. Ir para o colégio de ônibus era toda uma aventura: eles passavam cedo, às “sete e meia”, segundo Lilá Sant’Anna (1985), e davam quase a volta pela Zona Sul da cidade. Como os veículos do colégio eram poucos, as meninas se repartiam em duas viagens: as que chegavam primeiro deviam esperar, sob o olhar vigilante de *Mère Delphine* – “uma freira francesa já idosa, que só falava francês” (Maria Cecília, 1947-59) – sentadas em desconfortáveis bancos de madeira sem encosto, até que todas chegassem. Uma irmã conversa as conduzia então em fila até suas respectivas salas de aula. Medo, choro, timidez eram atitudes comuns nos primeiros dias da classe, mas as meninas terminavam se familiarizando com “aquela enormidade, os corredores, a austeridade da coisa grandiosa mesmo” (Stella F., 1949-61).

A arquitetura imponente do colégio se fundia bem com a estrutura arquitetônica do bairro, que congregava as mansões das melhores famílias cariocas, cujas filhas frequentavam o colégio *Sion*: os Oliveira, os Klabin, os Bezerra de Melo, os Berardo, os Pougy, os Veiga, os Bastos de Oliveira, os Athayde, os Bittencourt, os Rodrigues, os Carneiro de Mendonça, na rua Cosme Velho. Havia ainda aquelas que moravam nas ruas transversais, como os Corção, os Amoroso Lima, os Buarque de Gusmão, os Daudt de Oliveira e os Mendes de Moraes, na rua Marechal Pires Ferreira; os Penido, os Meireles, os Xavier de Brito e os Heinzelmann, na rua Smith de Vasconcelos, entre outras (Xavier de Brito, inédito).

Um pouco da história da congregação

Ao chegar ao Rio de Janeiro em 1888, as cinco primeiras religiosas de *Sion*⁴ – cuja viagem fora patrocinada pela sra. Eugênia Monteiro de Barros, “rica e benemérita brasileira” (*Sion, Journal*, 1888), condessa da Santa Sé – foram conduzidas a uma casa na rua Barão de Itapagipe, nº 39, no Rio Comprido, pertencente “à sra. Cecília Monteiro de Barros, mãe da sra. Eugênia” (*Sion, Journal*, 1888). No entanto, ao verificar que as obras da casa não estavam terminadas, o conde de Nioac conduziu a congregação para a rua Carvalho de Sá⁵, nº 22, em Laranjeiras, propriedade do sr. Militão Máximo de Souza Jr., segundo barão de Andarahy. Acolheram-nas Francisca Jacinta Nogueira da Gama, condessa de Carapebus e dama de honra da Imperatriz; a condessa de Andarahy, mãe do sr. Militão; e a esposa deste, dona Ana Joaquina Fernandes Braga.

Sabe-se que, desde meados do século XIX, uma fração das elites brasileiras adquirira o hábito de internar suas filhas em Paris, em conventos e escolas privadas dirigidas por congregações católicas, para que recebessem a pátina de distinção que abrihantaria sua situação no mercado matrimonial. O colégio preferido pelas famílias brasileiras era o internato do *Sacré-Cœur*⁶, situado no *Boulevard des Invalides*, nº 33, e dirigido naquela época por *mère* Depret, que “acolhia meninas do mundo inteiro vindas a Paris para aperfeiçoar sua educação” (Luirard, 2002, p. 267). No entanto, essa congregação recusara-se a assinar a “carta de secularização”⁷ por meio da qual se submeteria às leis da República, sendo compelida a fechar as portas de seus colégios. Os estabelecimentos que concordaram em assinar essas cartas, como *Notre Dame de Sion*, *Notre Dame de la Compassion* ou o *Cours Dupanloup* (Meyer, 1995, p. 143), conservaram sua organização, seus métodos e sua identidade pelo menos até 9 de dezembro de 1905, quando foi promulgada a lei de separação entre a Igreja católica e o Estado.

A história oficial da congregação de *Notre Dame de Sion* reza que as irmãs vieram se instalar no Rio de Janeiro a convite da “Condessa Monteiro de Barros, em nome da sociedade carioca” (*Encontro* nº 1, 1975)⁸ visando fornecer localmente às meninas das elites brasileiras a cultura escolar católica de tradição francesa a que suas famílias aspiravam. Pergunta-se, assim, por que as senhoras da elite brasileira não teriam solicitado em primeiro lugar à congregação do *Sacré-Cœur*, que desfrutava de longa tradição junto às famílias dos diplomatas e dos ricos comerciantes brasileiros? O lugar de *Sion* na hierarquia dos estabelecimentos franceses era, na época, claramente inferior ao do *Sacré-Cœur*, sobretudo por ter sido fundado apenas em 1853 (*Sion-Grandbourg, Journal*, setembro de 1851-dezembro de 1852) e gozar de menor tradição do que as congregações criadas entre os séculos XVII e XIX⁹. *Sion* também se caracterizava por “um menor grau de seletividade: a proporção de filhas de patrões da indústria e do comércio, de engenheiros ou executivos, era ligeiramente inferior, e a de alunas oriundas das classes populares ou médias um pouco maior” (Saint-Martin, 1990,

p. 69). Conviria à condessa Monteiro de Barros, encarregada de missão tão delicada, convidar uma congregação europeia atípica em mais de um sentido a assumir a responsabilidade da educação das filhas das elites brasileiras?

Por seu lado, as fontes da congregação do *Sacré-Cœur* informam que a fundação de um colégio no Brasil fora desejada havia muito. Desde a primeira viagem de *mère* Anne du Rouser ao Chile, em 1853, *mère* Madeleine-Sophie¹⁰ lhe atribuiu o encargo de tentar estabelecer uma casa nesse país. Tal projeto não se concretizou, apesar de reiteradas demandas das antigas alunas educadas no internato parisiense, dos bons contatos da condessa Monteiro de Barros na Corte pontifícia e do apoio da hierarquia católica. É assim claramente ao *Sacré-Cœur* que se dirige o convite inicial das damas da sociedade carioca. No entanto, essa congregação, que já possuía seis filiais na América Latina¹¹, só viria se estabelecer no Brasil em 1905, “três anos depois da eleição de Rodrigues Alves à presidência da República, [quando] o Rio estava saneado: em 1908, a febre amarela tinha sido erradicada da cidade” (Trigo, 2001, p.64). A recusa do *Sacré-Cœur* compeliu as damas da sociedade carioca a aceitar a “oferta subsequente de *Notre Dame de Sion*”, patrocinada pela Princesa Isabel, amiga de *mère* Marie-Paul, então superiora geral dessa congregação.

Contrariamente às irmãs do *Sacré-Cœur*, a partida das religiosas de *Sion* para o Brasil, em 1888, não se fez numa conjuntura de exílio. Tudo indica que buscavam dar prosseguimento à política de expansão internacional da ordem, como provam os diversos colégios fundados antes dessa data¹². “Desde muito, o *père* Théodore¹³ sonhava em implantar uma ‘colônia de *Sion*’ no continente americano” (*Sion, Sources*, 1854-1884) – sonho concretizado inicialmente pelo envio de uma missão à Costa Rica, em 1879. Resta saber as condições de acolhida e de desenvolvimento que a congregação de *Sion* vai encontrar no Brasil.

Em terras brasileiras

Inúmeras ordens e congregações católicas de origem europeia emigraram para o Brasil durante o século XIX, dentro da estratégia de romanização do catolicismo mestiço da América Latina definida pela igreja. Poucas delas não se envolveram com o ensino: os internatos e semi-internatos pagos eram reservados às elites, os externatos de qualidade inferior destinados às classes médias baixas e os orfanatos profissionais dedicados aos jovens pobres. Como a ação do governo federal era inexistente em matéria de educação feminina, restava às jovens a opção de estudar em colégios de freiras, que buscavam transmitir-lhes “um estilo de vida calcado em valores urbanos e a possibilidade de contrair um bom casamento nas altas esferas do Estado” (Canedo, 1998, p. 24).

A França foi certamente o país que mais influenciou a expansão da rede de escolas destinadas às moças, onde cada congregação recrutava suas alunas dentro de certas frações de classe e utilizava suas respectivas propriedades para se situar na hierarquia do campo

educacional brasileiro. Os primeiros estabelecimentos femininos no Brasil foram fundados pelas irmãs lazaristas: o colégio Providência, em 1849, em Mariana (MG), e o colégio Imaculada Conceição, em 1850, no Rio de Janeiro (Colombo, 2006)¹⁴. Fundado no Rio de Janeiro, em 1888, o *Notre Dame de Sion* foi inicialmente dirigido por *mère* Barthélémy Rich, antiga diretora do colégio da Costa Rica, assessorada por *mère* Marie Félix. No entanto, a febre amarela – cuja epidemia foi “bastante séria em 1888, 1895 e 1902” (Trigo, 2001, p. 63) – vitimou rapidamente três irmãs de *Sion*, entre as quais a superiora auxiliar. O conselho de Congregação lhes deu então ordem de mudar para Petrópolis, cidade serrana que apresentava melhores condições de salubridade, onde fundaram, em março de 1889, um pequeno externato primário de educação mista, situado à rua Bragança, 15, nº 9. A avó de Elza (Petrópolis, 1949-60), da família Máximo de Souza, de longa tradição sionense, foi “uma das primeiras alunas” desse colégio.

Colégios Privados no Rio de Janeiro, 1850-1920

Católicos	Data da Fundação
Colégio da Imaculada Conceição, Rio de Janeiro	Por volta de 1850
Colégio <i>Notre Dame de Sion</i> , Rio de Janeiro	1888, 1891, 1908 (fundação definitiva)
Colégio <i>Notre Dame de Sion</i> , Petrópolis	1889
Colégio dos Santos Anjos, Rio de Janeiro	1893
Colégio Santa Dorotéia, Rio de Janeiro	1897
Colégio <i>Sacré-Cœur de Jésus</i> , Riode Janeiro	1905
Colégio <i>Regina Coeli</i> , Rio de Janeiro	1908
Colégio <i>Sacré-Cœur de Marie</i> , Rio de Janeiro	1911
Colégio da Assunção, Rio de Janeiro	1912
Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Rio de Janeiro	1913
Colégio da Companhia de Santa Teresa de Jesus, Rio de Janeiro	1915
Colégio Imaculado Coração de Maria, Rio de Janeiro	1920
Colégio Maria Imaculada, Rio de Janeiro	1920
Protestantes	Data de Fundação
Colégio Batista Americano Brasileiro, Rio de Janeiro	Internato feminino, fundado em 1913
Colégio Bennett, Rio de Janeiro	1920

Fonte: Para os colégios católicos, Moura, 2000; Colombo, 2006. Para os protestantes, Ramalho, 1976.

Três anos mais tarde (1891), pressionada pelas senhoras da elite carioca, a Congregação tenta a volta ao Rio de Janeiro, instalando-se de novo no endereço anteriormente ocupado em Laranjeiras, onde houve numerosos pedidos de inscrição, chegando até a receber uma primeira aluna. Novo surto de febre amarela a faz, entretanto, renunciar mais uma vez à

atração da metrópole carioca. Volta, então, para Petrópolis, ocupando provisoriamente a rua dos Mineiros,¹⁶ em propriedade cedida por Joaquim Ribeiro de Avelar, visconde de Ubá. Em 30 de setembro de 1892, “graças ao empenho da Princesa Isabel [...] e com a ajuda de Luiza Margarida Borges de Barros, condessa de Barral” (Maia, 1998), o governo republicano colocou à disposição das irmãs o antigo Palácio Imperial¹⁷, desocupado desde a proclamação da República – onde o internato de Sion permaneceu até 1897, quando terminaram as obras de sua sede própria, na rua Benjamim Constant, nº 213. A intervenção da princesa e sua instalação nas dependências suntuosas do palácio permitiram ao colégio *Sion* adquirir a reputação de estabelecimento que “gozava dos favores da família imperial” (Needell, 1993, p. 83). Tornou-se rapidamente conhecido como o melhor colégio para meninas do território brasileiro, teve praticamente o monopólio da educação feminina de elite no Brasil durante cerca de 16 anos – de 1888 a 1904 – o que lhe permitiu adquirir um *status* jamais obtido na França e o sólido renome de que desfrutou até os anos 1970, por escolarizar as filhas das elites brasileiras vindas de vários pontos do território nacional.

A volta das irmãs ao Rio acontece finalmente em julho de 1908, quando a Casa Generalícia de Paris autoriza a implantação do primeiro externato carioca de *Sion* na rua São Salvador, nº 21. As congregações francesas conheciam o valor da implantação do colégio nas áreas nobres da cidade, que contribuiria para um recrutamento mais seletivo. Como se pode ver, as freiras procuravam se instalar nos bairros que concentravam, desde o fim do século XIX – início do século XX, “as mansões e palacetes particulares [como] São Cristóvão, Tijuca, Andaraí, Glória, Catete, Laranjeiras, Cosme Velho e Botafogo” (Trigo, 2001, p. 31). *Mère* Maria Angelina assume a direção conjunta dos estabelecimentos do Rio e de Petrópolis, assistida pela jovem *mère* Marie Ghisella. A reputação do externato faz crescer rapidamente o número de alunas, que pressiona por uma extensão da escolaridade desde 1910. O prédio da rua São Salvador tornou-se pequeno: em 1912, foram alugadas duas casas contíguas, dando frente para a rua Marquês de Abrantes, no Flamengo, “com comunicação interna, que permitia o funcionamento das classes superiores” (Nair, 1922-28).

O externato carioca ganhou vida autônoma em 1919, sob a direção de *mère* Marie Dieudonné, antiga superiora do *Sion* de Campanha (MG), que o dirigiu até 1922, quando foi substituída por *mère* Marie Ghisella (1922-25). Foi *mère* Marie Dieudonné quem, apresentando as necessidades de expansão, comprou o terreno no Cosme Velho, encomendou os planos ao engenheiro César Mello Cunha e contratou a construção da sede do colégio. Em 1925, já sob a direção de *mère* Marie Loys (1925-29), *Sion* se transferiu definitivamente para a rua Cosme Velho nº 30¹⁸, adotando o regime de semi-internato. Contrariamente ao *Sion* de Petrópolis, por não oferecer internato, seu recrutamento era exclusivamente local. Algumas famílias, como os Prado de São Paulo, adotaram a estratégia de se mudar para o Rio, para garantir às suas filhas uma educação de qualidade associada a princípios morais

e religiosos, sob um regime mais flexível. Fazia-lhe concorrência apenas o *Sacré-Cœur*, sob o nome de *Sacré-Cœur de Jésus*, que instalara finalmente no Rio, em 1905, um internato no Alto da Boa Vista e um semi-internato na rua Pinheiro Machado, em Laranjeiras.

O estilo das filiais estrangeiras dos colégios franceses dependia inteiramente da personalidade de suas superiores, cujas gestões são marcadas por práticas diferentes. O projeto inicialmente escolhido por *mère* Marie Dieudonnée para abrigar a sede carioca se integrava bem à paisagem local, sem ser particularmente luxuoso. Seu estilo lembrava os antigos conventos medievais: um edifício quadrado, de quatro andares, cercado por galerias que se debruçavam sobre um jardim interno em estilo francês, dotado de uma pequena fonte, para as quais se abriam as salas de aula. Nessa época, ainda não existiam suas dependências mais luxuosas, localizadas na parte dianteira do edifício.

O colégio funcionou nessas condições até que *mère* Gaëtan (1929-51) assumiu a direção. A gestão dessa superiora se distinguiu como uma época de prosperidade. Ela dirigiu a montagem dos laboratórios de física/química e do gabinete de história natural, de acordo com as exigências da Reforma Francisco Campos, o que permitiu que o *Sion* recebesse inspeção provisória em 1932 e inspeção permanente, em 1935. Em 1940, ainda na gestão da mesma superiora, foi construída a parte dianteira do prédio, onde as grandes portas com o monograma do colégio se abrem sobre uma entrada monumental, toda em mármore rosa e negro. Daí emergem duas escadas que conduzem à capela principal, igualmente de mármore nas mesmas tonalidades, com os bancos laterais das irmãs em madeira escura, dotada de galerias laterais no segundo piso com o grande órgão ao fundo. No andar térreo, em continuidade à entrada, vê-se um salão de festas em forma de anfiteatro, a Grande sala, destinada às assembleias gerais, com um imenso auditório para o público.

Nos fundos do colégio, havia um extenso pátio de recreio abençoado por um Cristo de braços abertos. Escadarias rústicas de pedra levavam, pelas encostas do morro, até a rua Alice, passando por uma cascatinha e uma gruta com a estátua da Virgem de *Sion*, objeto de devoção especial das alunas. O afluxo de novas alunas levou mais uma vez à extensão das dependências do estabelecimento: novas galerias, projetadas sobre a área de recreio, deram lugar à construção de numerosas salas de aula. No quarto andar, havia apenas os dormitórios das religiosas. Nesse cenário monumental e suntuoso viveram as alunas semi-internas então matriculadas no colégio *Notre Dame de Sion*.

O “*esprit de Sion*”

Os colégios de elite, a exemplo das escolas militares, das *public schools* inglesas e das *grandes écoles* francesas – todos fundamentados, mesmo os mais leigos dentre eles, nos princípios da *Ratio Studiorum* jesuíta¹⁹ – exercem sobre seus alunos uma violência simbólica que produz um efeito de ordenação e de consagração, com o objetivo de produzir um grupo

à parte, que faz corpo com a instituição (Bourdieu, 1989). O mesmo se passa nos colégios femininos, onde as alunas são submetidas ao que chamei de “cultura escolar católica de tradição francesa” (Xavier de Brito, 2010, p.16), ou seja, um conjunto de regulamentos disciplinares que se inspira nas regras de socialização das *demoiselles* na França do século XVIII (Constant, 1987). Essa cultura, cuja função básica é transmitir distinção às meninas confiadas à sua guarda, contribui para a formação de um grupo dotado de um *habitus* específico e de uma identidade social forte. Centrada menos nos conteúdos técnicos do aprendizado do que nos rituais que a acompanham, essa socialização transmite às alunas de *Sion* um espírito de corpo duradouro, fruto “do contato contínuo e prolongado entre [as] condiscípul[a]s” (Bourdieu, 1989, p. 104), que se perpetua nos intensos laços afetivos que as unem até a morte.

Desde a entrada, o *Sion* busca homogeneizar o mais possível as alunas confiadas à sua guarda, basicamente recrutadas dentro de uma clientela oriunda da burguesia e das classes médias altas agrárias ou urbanas. O colégio privilegia quem já traz do mundo natal as disposições que a instituição exige e reconhece – sua principal garantia sendo a linhagem materna das *enfants de Sion*. Para aquelas cuja origem é, em princípio, “inferior” em termos de cultura ou de valores – na medida em que suas mães não frequentaram o colégio – a própria matrícula no *Sion* se encarrega de aprofundar a fratura inicial que as separa de seu grupo social de origem (Bourdieu, 1989). Uma análise da educação proposta no *Sion* mostra que os “três elementos que parecem resumir a cultura burguesa – a arte do detalhe, o controle de si [...] e a ritualização do cotidiano” (LeWita, 1988, p. 81) – estão aí presentes, reafirmando, como se preciso fosse, seu caráter de classe. Os rituais de *Sion* têm basicamente por função “tentar estruturar os comportamentos e as maneiras pelas quais um grupo social se concebe” (Rivière, 1983, p. 103) e “instituir diferenças duráveis entre aqueles a quem o rito concerne” (LeWita, 1988, pp.83-84) e os demais – ou seja, contribuir à distinção. Os princípios dessa exclusão ritual são, no entanto, implícitos, ou mesmo ocultos. É a familiaridade com os rituais que vai determinar o nível de integração dos indivíduos ao conjunto da cultura escolar de tradição francesa e assentar a “identidade sionense” – esse conjunto de traços duráveis que faz com que as alunas socializadas no *Sion* tenham as mesmas reações “espontâneas”, percebam as pessoas da mesma maneira e se reconheçam à primeira vista no colégio e em sociedade por meio da “pontinha de aristocratismo” (Rogers, 2005, p. 288) que as caracteriza. As alunas em processo de ascensão social, que fazem da burguesia seu grupo de referência, buscam assemelhar-se a qualquer preço a esse modelo, “ter a cara do *Sion* mesmo, né? Ser *enfant de Sion*” (Stella F., 1949-61).

O *esprit de Sion* é, assim, o espírito de corpo específico ao colégio, o principal esteio da educação sionense. Ele consiste nesse predicado dificilmente definível, mistura de qualidades morais e intelectuais, amor ao trabalho, devoção, fé, solidariedade e espírito de grupo que provém da adesão de um grupo mais ou menos homogêneo aos mesmos valores, aos mesmos

princípios de socialização. Ao modificar gradualmente a representação que essas meninas têm de si mesmas, os dispositivos fortemente ritualizados do colégio facilitam sua integração à instituição e proporcionam-lhes a “adesão encantada aos valores e ao valor de um grupo” (Bourdieu, 1989, p. 258), que lhes confere um estilo de vida que as distingue das demais. “O cunho indelével de Sion” (Prates, 1938, p. 25) pode ser detectado nos depoimentos de alunas de diferentes épocas, que se sentem “ainda membros de uma mesma família” (Lage, 1938, p. 69; Stella F., 1949-61; Amanda, 1950-61).

Era extremamente importante que as alunas fossem identificadas em sociedade como *enfants de Sion*. Os rituais do colégio enfatizam justamente os aspectos de reconhecimento social:

o uniforme, as insígnias. O uniforme era composto de “uma saia pregueada de casimira azul-marinho [...], largos suspensórios cruzados na frente e atrás, com três botõezinhos de madreperla de cada lado. A blusa era branca de mangas curtas e gola redonda, com um discreto babadinho pregueado nos punhos e na gola. Um cordão grosso para ser usado na cintura e uma fita estreita de gorgorão de onde pendia uma cruz de madreperla e cuja cor indicava a série do primário ou do ginásio. Sapatos pretos, meias brancas 3/4 [...]. O chapéu era de palha bege com uma fita de gorgorão azul-marinho em volta da copa, terminando em um pequeno laço” (Sant’Anna, 1985, p.71).

Além de marcar as alunas com o selo do estabelecimento, estas lhe atribuem também a função de aplainar as diferenças entre “colegas muito mais ricas, colegas com a mesma situação e colegas mais pobres” (Amanda, 1950-61). Esse uniforme tradicional se simplifica com o passar do tempo, sofre a ação das estações, muda nos dias de festa. O chapéu foi totalmente eliminado nos anos 1950. O uniforme se adaptou ao clima carioca, permitindo saia branca de fustão durante o verão e meias soquete; o *grand cordon* e a *cruz de seda* foram substituídos no dia a dia por insígnias tecidas em lã. O uniforme completo, de gala, era reservado exclusivamente para as cerimônias rituais, quando as meninas deviam usar luvas brancas, meias três quartos e sapatos de verniz com alça. Quando as alunas assim vestidas desfilavam, de manhã e de tarde, pelas ruas do Cosme Velho, não havia dúvidas quanto à sua identidade de *enfants de Sion*. O poder simbólico desse conjunto era bastante forte: ao endossar o uniforme e suas insígnias, as alunas se tornavam corresponsáveis pela reputação do colégio e deviam manter em público uma *hexis* corporal impecável, a polidez, a maneira de falar e o vocabulário cuidado que as distinguia.

O aprendizado do *esprit de Sion* começa desde a entrada no colégio. Tal como os pés enfaixados das mulheres chinesas, o corpo e o espírito das alunas vão sendo progressivamente modelados desde seus primeiros passos, através de práticas disciplinares que ordenam sua maneira de perceber o tempo e o espaço, seu corpo, sua postura, seus movimentos, sua voz, sua escrita e até mesmo seus pensamentos. O essencial dessa socialização se dá no primário – “período de adaptação [que] visa levar à desistência as pessoas que não possuem vocação

ou força de vontade suficiente” (Castro, 2004, p. 19) – ou melhor, que não merecem ser alunas de *Sion*.

O primeiro conjunto de regulamentos que enquadrava as alunas dizia respeito ao espaço e ao tempo. A própria estrutura arquitetônica do edifício continha em si uma forma de controle próxima ao *panoptikon* (Foucault, 1975), ao permitir a identificação imediata de qualquer menina que rompesse a ordem, perambulando isolada. As dimensões monumentais do prédio, intimidantes em si, eram reforçadas pelo silêncio imposto em suas partes comuns. Era absolutamente proibido falar nos corredores, nas salas de aula, no refeitório ou na capela. As situações de palavra eram regulamentadas até mesmo nos intervalos ou no recreio.

A divisão das classes em duas turmas era uma peça-chave do controle espacial. As alunas eram alocadas nas turmas A ou B em função de uma estimativa de sua capacidade de se integrar à instituição, na qual a turma B funcionava como uma espécie de crivo para discernir o potencial das alunas recém-matriculadas, ou seja, segundo Julia (1995, p. 364), “reconhecer [...] a ‘natureza’ [de cada aluno], para saber como agir de maneira adequada sobre cada um deles”. Prova disso é que na turma de 1949-61, o índice de *turn-over* era muito maior entre as alunas da turma B do que entre as da turma A. Nesta, seis alunas em cada dez tinham mais de dez anos de estudos seguidos no *Sion* e a maioria delas chegou à coroação; enquanto, das 53 alunas que passaram alguma vez pela turma B, pouco mais de um terço permaneceu apenas um ou dois anos no colégio, em virtude da discreta eliminação daquelas que não se adaptavam à cultura escolar de *Sion*. Esse princípio de ordenamento, segundo o qual “a própria instituição designa quem ela acha inapta ao sistema” (LeWita, 1988, p. 124), era tão astutamente concebido que a maioria das alunas entrevistadas não percebe o princípio de eliminação diferida que lhe é implícito, atribuindo a separação ao “número de alunas” ou à “performance escolar”.

O rígido controle do tempo era outra dimensão imprescindível ao enquadramento das alunas. A frequência ao colégio era diariamente controlada pela chamada, na Hora dos Avisos. *Sion* tinha aulas de segunda a sexta-feira, das 8h30 às 16h30 e cada dia, cada hora, cada minuto “estava organizado de maneira a manter a ordem e a disciplina” (Cavalcanti, 1995, p. 31). As alunas deviam “ser pontuais e assíduas no comparecimento às aulas e a outras convocações determinadas pela diretoria” (Regimento Interno, Tit. I, cap. IX, item c). Faltar à assembleia ou à quermesse pró-missões era inadmissível, porque indicava “absoluto desinteresse pela vida colegial” (Maria Cecília, 1947-59). Não bastava estar presente todos os dias, era imprescindível chegar na hora. A irmã conversa que controlava a entrada não admitia nem um minuto de atraso. Os tempos maiores eram escandidos pela campanha estridente de inúmeros relógios elétricos. Já os tempos menores, os movimentos rituais, eram marcados pelo ruído seco do *clapet*. Ao som dessas duas tabuinhas de madeira que se entrechocavam, as meninas deveriam interromper imediatamente o que estavam fazendo

e preparar-se para outra atividade: sair da classe e formar filas; pôr-se em movimento ou parar; adotar a postura corporal adequada à situação. As orações frequentes, as jaculatórias, as ladainhas, o *Angelus* rezado em coro antes do almoço integravam essa “rítmica do tempo pontuada por exercícios de piedade” (Foucault, 1975, p. 176).

Em *Sion*, o controle do espaço e do tempo era associado ao domínio do corpo. As alunas deviam assistir as aulas com os braços cruzados atrás das costas, sentar-se eretas nos bancos da grande sala, com as mãos pousadas sobre o regaço, sem jamais cruzar as pernas, atitude considerada extremamente vulgar. Os ritos de apresentação de si eram bastante codificados: o ficar de pé ao entrar e sair um professor, a postura ereta ao vir dar a lição diante da classe, a reverência diante da autoridade, que marcam “o perfeito controle de si e a preocupação com a posição do corpo” (Mension-Rigau, 1991, p. 176).

O controle do corpo discente era feito “menos pelo que é ensinado explicitamente do que por aquilo que se ensina tacitamente, através das condições nas quais se efetua o ensino” (Bourdieu, 1989, p. 112). Dentro da sala de aula, aprendia-se a fazer as tarefas o mais depressa possível no período de tempo outorgado, *vite mais bien*, sem que a rapidez compromettesse a qualidade. O princípio da emulação era fundamental. Sant’Anna (1985) fala nas *batalhas* nos anos 1940, Nascimento (1991) evoca as *voltinhas relâmpago* de D. Risoleta, professora de português na classe *grenat*, nos anos 1950. A emulação entre os “campos rivais, São Miguel e São Rafael”, levava sobretudo em conta as condutas conformes, recompensadas com cobiçados objetos franceses que não existiam no Brasil, enquanto as atitudes desviantes prejudicavam suas hostes.

As férreas regras disciplinares que caracterizavam o estabelecimento visavam inculcar nas alunas um espírito de obediência sem questionamentos, a dobrar-lhes a cerviz, a fazê-las interiorizar os valores, as atitudes e os comportamentos próprios a uma *enfant de Sion*. As humilhações morais e verbais a que eram submetidas – “no limite do sadismo”, segundo Cecília, (1949-52) – faziam parte da “pressão” que induzia os elementos mais frágeis a abandonar a instituição (Castro, 2004, p. 20). A aluna que não desse prova de ter adquirido o *esprit de Sion* podia ser pura e simplesmente excluída em qualquer etapa do curso, por brilhante que fosse. Turmas inteiras foram ameaçadas de exclusão por não terem ainda “compreendido o que Sion lhes quer dar” [nota do colégio, turma 1947-59]. Várias alunas confessam ter se sentido “trituradas” (Cecília, 1949-52), “esmagadas” (Sonia, 1948-56) pela rigidez disciplinar do colégio. No entanto, outros depoimentos nuançam esse suposto rigor, já que a repressão em certas casas era de tal modo severa que algumas se sentiam melhor no colégio do que fora dele: “A gente era muito reprimida em casa! [...] Criança não tinha vez e mulher não tinha vez, a gente não tinha vez duplamente” (Silvia, 1949-61). “Nesse tipo de educação, nada é deixado ao acaso... [As mestras] dão extrema importância à noção de controle corporal [...], que dá às jovens rigor físico e caução moral. [...] Cabeça inclinada, olhos baixos, a jovem aprende [...] a aceitar uma ordem sobre a qual não exerce nenhuma

influência” (Rogers, 2005, pp. 232-234). Essa *hexis* corporal se torna, mais tarde, “um dos principais suportes para o julgamento” (Leonardi, 2004, p. 88) do caráter feminino em sociedade.

Os rituais que marcavam mais fortemente a adesão à cultura escolar católica de tradição francesa se articulavam em torno das práticas morais. Apresentada como universal, a cultura dessas instituições possuía, no entanto, um forte viés de gênero, que fazia com que as mulheres que passaram pelos educandários que lhes eram reservados até os anos 1970 se tornassem seres humanos bastante diferentes dos homens educados nos colégios masculinos. Os últimos eram socializados para o exercício do poder, enquanto as mulheres tendiam a uma relação de submissão à autoridade nas esferas pública e privada, que as preparava para exercer com competência o papel social de esposa e mãe burguesa que lhes era tradicionalmente atribuído. Uma das práticas centrais nesse contexto – tão importante a ponto de ser prevista no Regimento Interno do colégio – era o chamado “exame de consciência”, a partir do qual as alunas “se atribuíam diariamente notas de conduta [com] o objetivo de fazer com que as meninas refletissem sobre seu comportamento, de modo a se conformar à norma bem estabelecida de uma feminilidade obediente e virtuosa” (Rogers, 2005, p. 290; p. 194). O exame de consciência, que inaugurava o dia escolar em *Sion*, visava a aquisição de um espírito reflexivo de autocrítica essencial ao exercício do papel social da mulher. Sua finalidade era testar até que ponto as normas educativas da instituição e as injunções morais da Igreja Católica tinham sido efetivamente interiorizadas, fazendo com que, em sua vida adulta, as alunas de *Sion* se orientassem sempre no sentido do “espírito geral da sociedade” (Ehrenberg, 2000). A linguagem utilizada pelas freiras contribuía para inculcar-lhes desde cedo esse sentimento: havia frequentes menções ao pecado, à culpa e ao seu resgate através da mortificação e do sacrifício, ao arrependimento, à busca da perfeição. As meninas de *Sion* eram assim governadas por um forte sentimento de culpa presente em todas as gerações, que o exame de consciência ajudava a cultivar. Esses reflexos condicionados apoiados explicitamente no pecado e na culpa “comandam os conformismos de pensamento e até mesmo os automatismos de conduta” (Ehrenberg, 2000, p. 16). As alunas são unânimes em dizer que deixaram a instituição “com uma tendência à autoculpabilidade” (Angelina, 1950-61).

Grandeza e decadência do modelo sionense

O modelo educativo posto em prática no colégio *Sion* parece ter atravessado incólume por pelo menos sete décadas, para experimentar uma enorme queda de prestígio a partir dos anos 1970. Atravessou conjunturas históricas cruciais para o Brasil e sobreviveu ileso a inúmeras reformas educacionais, mantendo sua reputação ilibada. *Sion* construiu uma linhagem materna, onde a maioria das ex-alunas matriculava indefectivamente suas filhas no colégio desde que nasciam porque, para esse grupo de fiéis, qualquer outra solução

era impensável. Entre as 33 alunas da turma de 1949-61, quatorze foram matriculadas no colégio para perpetuar a tradição familiar, nove delas vindo de uma linhagem materna. No entanto, nos anos 1970, apenas uma dessas ex-alunas matriculou “quatro dos seus cinco filhos” em *Sion*, onde fizeram apenas o primário, indo continuar sua escolaridade no Santo Agostinho, colégio pertencente à rede escolar católica privada – atitude muito comum atualmente, segundo Sandra Calvet, coordenadora pedagógica de *Sion* desde 1984. O que teria então acontecido nessa década para que, bruscamente, alunas ligadas ao colégio por uma tradição que datava de duas ou três gerações decidissem colocar seus filhos em outros estabelecimentos? O que as levou a interromper a cadeia de fidelidade que ligava suas famílias ao *Sion*?

A crise da sociedade global, as mudanças de padrão de educação da juventude e as decisões adotadas pela igreja no concílio Vaticano II, em meados dos anos 1960, são responsáveis pela transformação de todo um modelo de socialização que veio a repercutir na prática educativa cinco ou seis anos mais tarde. Para começar, colégios católicos habitualmente divididos por sexo tornaram-se mistos; ritos cruciais da cultura escolar católica foram revistos ou abandonados; as congregações religiosas simplificaram seus hábitos; os austeros uniformes tradicionais foram eliminados; a disciplina tornou-se mais leve. As ex-alunas apontam esses aspectos – sobretudo a coeducação – como causa de sua decisão de não mais matricular seus filhos no *Sion*. A consequente defecção das elites fez com que a reputação do colégio *Sion* experimentasse uma importante queda, fazendo-o perder o privilégio de recrutar alunos em toda a cidade do Rio de Janeiro. *Sion* acaba, assim, tendo que se conformar com a clientela de “um bairro que envelheceu e empobreceu” (Sandra Calvet).

Efetivamente, o Cosme Velho mudou bastante desde que deixou de ser habitado pelas elites tradicionais. Hoje em dia, as únicas mansões senhoriais ainda habitadas são as de Bárbara Heliodora e Lili Marinho. Na rua Cosme Velho, a casa de Austregésilo de Athayde virou uma fundação cultural; a de Valfrido Bastos de Oliveira, um museu de *art naïf*, atualmente fechado; a da família Pougy, o Memorial da Pediatria Brasileira; a Casa dos Abacaxis²⁰, da família Carneiro de Mendonça, encontra-se atualmente em restauração. Mais abaixo, a Casa dos Tijolos²¹, residência de um dos irmãos Klabin, foi vendida a um particular, e a de Mário de Almeida²², cedida à agência de publicidade Contemporânea. As residências de Oswaldo Aranha, Othon Bezerra de Melo e Rubem Berardo viraram imensos blocos de apartamentos, antes que o bairro fosse tombado pelo Patrimônio Histórico. As mansões situadas nas ruas paralelas, como a de Beatriz Veiga ou a de Cecília Meireles, caem aos pedaços por culpa de um plano de tombamento cujo ônus recai exclusivamente sobre os ombros dos particulares.

As ex-alunas evocaram ainda a distância para justificar porque não matricularam seus filhos em *Sion* (Vera, 1949-61). O colégio se vê assim reduzido a recrutar seus alunos em uma reserva “composta em sua maioria de classe média média e média baixa [...] que não

vai além da rua Alice, o grosso dos alunos sendo recrutados nos condomínios prestígio- sos que ainda subsistem²³, além dos alunos de classe média média que vivem na Rua General Glicério” (Sandra Calvet). Seus preços tiveram conseqüentemente que se adaptar à área de recrutamento. Essas mudanças permitem compreender melhor porque as ex-alunas consideraram que não valia mais a pena que seus filhos atravessassem a cidade, como antigamente, para frequentar o colégio. Essa magra reserva ainda é disputada pelo Colégio São Vicente de Paulo, vizinho do *Sion*, que tem uma colocação bem melhor no *ranking* das escolas secundárias. Como o *Sion* dos anos 1950, o São Vicente recruta a nível municipal, atingindo Tijuca, Copacabana, Ipanema, Leblon (Elza, 1949-60), sem desdenhar a clientela da proximidade. No entanto, ao ser inaugurado, em 1959, o São Vicente de Paulo não fazia concorrência ao *Sion*, antes lhe era complementar, na medida em que só acolhia meninos.

Inúmeros boatos contribuíram assim para a degradação da reputação do colégio *Sion*. Coisa mais efêmera e delicada, a reputação de um estabelecimento escolar! E como simples rumores podem assumir importância em sua construção ou destruição! Esses boatos se referiam sobretudo à perda de certos aspectos tradicionais do colégio: além da passagem à coeducação em 1972, inúmeras modificações tinham sido progressivamente introduzidas no modelo sionense desde meados dos anos 1960. Eliminaram-se rituais de mais de um século de existência. O tradicional uniforme foi substituído por uma calça ou uma saia azul-marinho e uma camiseta com o logotipo do estabelecimento; as insígnias deixaram de existir; o colégio abandonou o regime de semi-internato, passando a ter dois turnos. As freiras substituíram o tradicional hábito negro longo com coifa e gola branca engomadas e uma cruz de metal no peito, por um hábito mais curto de tecido mescla, com a cabeça coberta apenas por um pequeno véu, que “não condiz com o estilo do colégio” (Glória Maria, 1952-61). Mais de uma ex-aluna, de diferentes gerações, comparou o novo hábito a um “uniforme de empregadinha” (Nair, 1920-28; Beatriz, 1960-69). O corpo docente passou a ser inteiramente constituído de professores leigos, em grande maioria mulheres. Todas essas transformações teriam levado à perda da “aura de respeitabilidade”, do “caráter sagrado” (Beatriz, 1960-69) do estabelecimento.

No entanto, não se pode ignorar que o funcionamento das instituições apresenta frequentemente um certo atraso do efeito sobre a causa – ou, para usar a linguagem de Bourdieu, uma certa histerese. Minha hipótese é que não foram tanto as mudanças externas, conjunturais, que levaram à queda da reputação do colégio *Sion*. Elas tiveram certamente algum peso, que poderia ter sido controlado, não fosse sua articulação com as mudanças internas à Igreja Católica e com a maneira específica pela qual a congregação de *Sion* viveu o *aggiornamento* – redescobrimo seu carisma original de rezar pela conversão do povo judeu, o que a tornou peça importante na difusão do espírito ecumênico.

Outro argumento forte no que se refere à queda da reputação de *Sion* é sua colocação no *ranking* das escolas secundárias. Apesar de todas as transformações sociais, “*Sion* nunca quis entrar nessa coisa de disputar vaga no vestibular” (Sandra Calvet). O colégio continua a

manter uma lógica de ensino feminino, onde “os estudos e o exercício de uma profissão não constituem um fim em si [...]; cujas preocupações centrais são de fato a formação ética e a ‘boa’ educação” (Saint-Martin, 1990, p. 62). Ao constatar que a educação sionense – ao não mais atender às “necessidades da época” (Faguer, 1991, p. 30), de uma pedagogia orientada em função do sucesso no vestibular – é menos eficaz na formação dos adolescentes que lhe são confiados, os pais se sentem autorizados a pensar que *Sion* não corresponde mais às suas expectativas. Ele deixa assim de ser “O colégio para a formação das meninas, [passando a ser] um colégio católico entre muitos outros no bairro” (Sandra Calvet).

Uma visita aos locais do *Sion*, na atualidade, mostra que o estabelecimento decaiu de modo geral. Nas salas de aula, o antigo mobiliário de madeira de lei foi substituído por cadeiras individuais moldadas em plástico; o estrado dos professores foi removido, as paredes das salas de aula são nuas e velhos aparelhos de ar-condicionado acrescentam uma nota incongruente ao conjunto, eliminando qualquer referência ao antigo ascetismo burguês. O laboratório de física/química e a sala de história natural não mais existem; a capelinha da Virgem de *Sion* virou uma espécie de depósito. No terceiro andar, o acesso às galerias da capela é impedido por um quarto de dormir. No jardim central, o repuxo foi retirado e, no pátio de recreio, arrancou-se a placa com os nomes das antigas alunas que contribuíram para a construção do campo de vôlei. Na Grande sala, não há mais nenhuma cadeira na parte reservada ao público. O único ponto positivo é a existência de uma sala de professores grande e relativamente confortável. E, no entanto, os estudos etnográficos sobre as escolas mostram que a beleza, a imponência arquitetural e a limpeza dos estabelecimentos são importantes para que os alunos mantenham uma boa relação com o espaço escolar. Fica uma impressão de pobreza e decadência, que tenderia quase a justificar a baixa na reputação do colégio. No entanto, tanto a reputação de uma instituição escolar como o prestígio de um bairro são fenômenos sociais, por isso mesmo sujeitos a flutuações e mudanças. Não é impossível que, no futuro, ainda vejamos as elites tradicionais voltarem ao Cosme Velho e matriculem seus filhos e filhas no *Sion*, restaurando a cadeia de fidelidade que as ligava à instituição.

- Os trechos do original francês foram traduzidos pela autora

Notas

1 - Os dados desse artigo são derivados do livro de Angela Xavier de Brito. *L'influence française dans la socialisation des élites féminines brésiliennes*. Le Collège Notre Dame de Sion à Rio de Janeiro. Paris: L'Harmattan, 2010. Encomendas diretas podem ser feitas pelo e-mail axavier2@wanadoo.fr.

2 - Os nomes entre parênteses seguidos de duas datas correspondem às alunas entrevistadas, e o período em que frequentaram o colégio *Sion*.

3 - Nos anos 1950-60, as cores das insígnias eram as seguintes: *rouge liseré* [pré-primário]; *rouge* [1° primário]; *grenat* [2° primário]; *orange* [3° primário]; *vert* [4° primário]; *bleu liseré* [admissão], *bleu foncé* [1° ginásio]; *bleu clair* [2° ginásio]; *blanche* [3° ginásio]; multicor [4° ginásio]; *blanc-violet* [1° clássico]; *violet liseré* [2° clássico]; *violet uni* [3° clássico]. Note-se que a classe multicor era a única cujo nome era dito em português.

4 - Eram elas *mère Marie Chrysostome, mère Marie Félix et sœurs Marie Constantina, Marie Dulcis e Marie Orsolina.*

5 - Atual rua Gago Coutinho, em Laranjeiras.

6 - Conhecido no Brasil como *Sacré-Cœur de Jésus*, para diferenciá-lo do colégio *Sacré-Cœur de Marie*, designação que não é usada na França.

7 - Segundo o decreto de 29 de março de 1880, assinado por Jules Ferry, presidente do Conselho.

8 - Contatada recentemente, a congregação no Brasil informou que as irmãs vieram para o Brasil “a convite do Imperador D. Pedro II”.

9 - Entre outras, o *Couvent des Ursulines, o Institut de l'Assomption* e os colégios *Notre Dame des Oiseaux* e *Sacré-Cœur*.

10 - Madeleine-Sophie Barat, fundadora da congregação do *Sacré-Cœur*, em 1800, na França, foi sua superiora geral de 1806 a 1865.

11 - Santiago, Chile (1853); La Habana, Cuba (1858); Lima, Peru (1876); Buenos Aires, Argentina e San Juan, Costa Rica (1880); Ciudad de México, México (1883).

12 - Constantinopla (1856), Calcedônia (1863) e Esmirna (1876) no Oriente Médio; Iassi (1866), Galatz (1867) e Trieste (1883) na Europa Central; Alexandria (1880) e Tunis (1881) no norte da África; e Costa Rica (1879) na América Latina.

13 - A congregação de *Notre Dame de Sion* foi fundada em 1942, em Paris, pelo *père Théodore*

Ratisbonne, conhecido como *Notre père*, e seu irmão, *père Alphonse-Marie (père Marie)*.

14 - O site atual do Colégio da Imaculada Conceição registra 1854 como data de sua fundação.

15 - Hoje rua 1º de março.

16 - Hoje rua Silva Jardim.

17 - Hoje em dia, Museu Imperial.

18 - Atualmente rua Cosme Velho nº 98.

19 - A *Ratio Studiorum* é “um texto regulamentar destinado a unificar o *modus agendi* dos jesuítas” (Julia, 1995, pp. 362-363), que resulta da elaboração progressiva das regras pedagógicas dos colégios jesuítas durante todo o século XVI, sistematizadas pela primeira vez em compêndio em 1599.

20 - Assim chamada por ter uma fachada decorada com vários abacaxis esculpidos em ferro, essa mansão foi construída em 1843 pelo arquiteto José Maria Jacinto Ribeiro.

21 - Construída em 1840 pelo arquiteto francês Benoît, para o barão Smith de Vasconcelos.

22 - Originalmente o palacete dos condes de São Mamede, essa mansão foi posteriormente vendida ao marechal Pires Ferreira.

23 - Trata-se dos condomínios Águas Férreas, Climax, Monte, Visconde de Uruguay, Paquetá, entre outros.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *La noblesse d'État*. Paris: Minuit, 1989.

CANEDO, Leticia Bicalho. “La production généalogique et les modes de transmission d'un capital politique familial dans le Minas Gerais brésilien”, *Genèses* n° 31, juin 1998, pp. 4-28.

CASTRO, Celso. *O espírito militar*. Um antropólogo na caserna. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. *Vestígios do tempo: memórias de mulheres católicas (1929/1942)*. São Paulo: dezembro de 1995.

COLOMBO, Maria Alzira. *Luzes e sombras*. Uma visão da educação feminina no final do século XIX e início do século XX. São Paulo: AllPrint editora, 2006.

CONSTANT, Paule. *Un monde à l'usage des demoiselles*. Paris: Gallimard, 1987

COUSIN Olivier. *L'efficacité des collèges*. Sociologie de l'effet-établissement. Paris: PUF, 1998.

EHRENBERG Alain. *La fatigue d'être soi*. Dépression et société. Paris: Odile Jacob poche, 2000.

FAGUER, Jean-Pierre. “Les effets d'une 'éducation totale'. Un collège jésuite 1960”. *Actes de la recherche en sciences sociales* n° 86/87, mars 1991, pp. 25-43.

FOUCAULT, M. *Surveiller et punir*. Naissance de la prison. Paris: Gallimard, 1975.

JULIA Dominique. « La culture scolaire comme objet historique ». IN Antonio NÓVOA, DEPAEPE M. & JOHANNINGMAYER, E. V. (eds.), *The colonial experience in education*. Historical issues and perspectives. Gent C.S.H.P., *Pædagogica Historica*, 1995, pp. 353-382.

LAGE, Maria Luiza. “*Depoimento*”. IN *Reminiscências 1938*, vol. 1, p. 69.

- LEONARDI, Paula. "Puríssimo Coração: uma escola de elite e sua imagem". *Pró-Posições*. vol. 15, n° 2 (44), maio-agosto 2005, p. 77-95.
- LEWITA, Beatrix. *Ni vue ni connue*. Approche ethnographique de la culture bourgeoise. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 1988. Coll. Ethnologie de la France.
- LUIRARD, Monique. "Les dames du Sacré-Cœur de Jésus". IN LALOUETTE Jacqueline & MACHELON Jean-Pierre (eds). *Les congrégations hors la loi? Autour de la loi du 1^{er} juillet 1901*. Paris: Letouzey & Ané, 2002. Avant-propos d'Alain Boyer.
- MAIA, Laura Lahmeyer Leite. *História da Associação das Antigas Alunas de Sion*. Jubileu 1948-1998. Rio de Janeiro: Associação das Antigas alunas de Sion, 1998.
- MENSION-RIGAU, Eric. "Distinction chez les elites". IN Régine DHOQUOIS (org.). *La politesse, vertu des apparences*. Autrement, série Morales. Paris: Autrement, 1991, pp. 171-180.
- MEYER, Jean-Claude. "La congrégation de Notre Dame de la Compassion". IN Gerard CHOLY G. & CHALINE N-J (orgs.), *L'enseignement catholique en France aux XIXe et XXe siècles*. Paris: Cerf, 1995, pp. 133-144.
- MOURA, Laércio Dias de (sj). *A educação católica no Brasil*. Passado, presente e futuro. São Paulo: Loyola, 2000.
- NASCIMENTO Angelina Bulcão. *In Sion firmata sum* (Memórias da turma de 1950-61). Salvador: 1991 (mimeografado)
- NEDELL, Jeffrey. *Belle époque tropicale: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- PRATES, Sylvia. "Cincoenta anos de dedicação", *Reminiscências 1938*, vol. 1, p. 25.
- RAMALHO, Jether Pereira. *Prática educativa e sociedade*. Um estudo de sociologia da educação. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- RIVIÈRE, Claude. "Pour une approche des rituels séculiers". *Cahiers Internationaux de Sociologie* LXXIV, 30^e année, nouvelle série, janvier-juin 1983, p. 97-117
- ROGERS, Rebecca. *Les demoiselles de la Légion d'Honneur*. Paris: Perrin, 2005 (1^a edição, 1992).
- SANT'ANNA, Lilá. *Camila Ciréia*. Rio de Janeiro: Editora e Distribuidora Quadrelli, 1985.
- SAINT-MARTIN, Monique de. "Une 'bonne' éducation. Notre-Dame des Oiseaux, à Sèvres". *Ethnologie française* vol. 20, n° 1, 1990, pp. 62-70.
- SION, Colégio Notre Dame de. *Encontro*, revista do colégio Sion do Rio de Janeiro: n° 1, 1975.
- SION, Colégio Notre Dame de. *Regimento interno*.
- SION, Congrégation de Notre Dame de. *Journal de la Maison de Notre Dame de Sion*, 1888.
- SION, Congrégation de Notre Dame de. Sion-Grandbourg. *Journal de la maison*, set. 1851-dez. 1852.
- SION, Congrégation de Notre Dame de. *Sources de Sion*. Théodore de Ratisbonne. Fondations et dernières années 1854-1884. S/ éditeur, s/date.
- TRIGO, Luciano. *O viajante imóvel*. Machado de Assis e o Rio de Janeiro de seu tempo. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2001.
- XAVIER DE BRITO, Angela. *L'influence française dans la socialisation des élites féminines brésiliennes*. Le Collège Notre Dame de Sion à Rio de Janeiro. Paris: L'Harmattan, 2010.
- XAVIER DE BRITO, Augusto Heitor. *O Cosme Velho, esgarçadas lembranças*. Texto inédito.

Enviado em 27/07/2012

